



A ESCOLA COMO PRODUTORA DE SUJEITOS JOVENS E ADULTOS LGBT SEM ESCOLARIZAÇÃO

VIGANO, Samirade Moraes Maia¹; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes²

¹Mestra, Doutoranda em Educação PPGE/UFSC, Membro do EPEJA/UFSC,
samiramvigano@gmail.com

²Pós Doutora, Professora no PPGE/UFSC, Coordenadora do EPEJA/UFSC,
herminialaffin@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e Diversidades

RESUMO

Artigo baseado na pesquisa de doutorado em educação, intitulada: A produção das identidades de sujeitos jovens e adultos LGBT e os reflexos da escolarização. Por se tratar de uma pesquisa inicial, os dados apresentados serão somente teóricos. Busca-se responder a problemática central que tem relação com o como a escola se constitui em modelos heteronormativos, produzindo diferentes formas de exclusão, evasão ou violências influenciando as formações identitárias dos sujeitos jovens e adultos que se autodeclararam lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou travestis - LGBT. Objetiva-se compreender as influências na construção das identidades de sujeitos jovens e adultos que hoje se autodeclararam LGBT, retratando os processos de evasão e exclusão ocasionados nos espaços escolares. A pesquisa pretende ser de cunho qualitativo, tendo o amparo em questionários *online* que serão realizados em parceria com a Associação Brasileira LGBT. O referencial teórico da tese será conduzido por: Pierre Bourdieu, Claude Dubar, Guacira Lopes Louro, Heleieth Saffioti, Michel Foucault, Rogério Diniz Junqueira e Paulo Freire. Por ser uma pesquisa que ainda está em fase inicial, não há resultados para apresentar.

Palavras-chave: Jovens e adultos; LGBT; Escola; Identidades.

INTRODUÇÃO

A sociedade vai fazer de tudo para reduzir e enquadrar essa essência, única em cada pessoa, em alguma categoria inteligível de identidade. Assim, a partir do momento que somos concebidos, essa essência única que trazemos dentro de nós é forçada a enquadrar-se nos modelos que a sociedade determina. (Leticia Lanz)

Trata-se de um texto que visa apresentar dados teóricos preliminares da pesquisa de doutorado em educação, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, iniciado em março de 2015, na linha de pesquisa de Ensino e Formação de Educadores – EFE; cujo título, ainda provisório é:



A produção das identidades de sujeitos jovens e adultos LGBT e os reflexos da escolarização.

Ressalta-se que por se tratar de uma pesquisa que ainda está em fase inicial, a escrita se debruçará apenas em dados teóricos, pois ainda há uma necessidade de ampliação das questões metodológicas e até mesmo dos teóricos que darão suporte para a investigação.

Como problemática inicialmente pensada para essa pesquisa, busca-se o entendimento de como a escola se constitui em modelos heteronormativos, produzindo diferentes formas de exclusão, evasão ou violências influenciando as formações identitárias dos sujeitos jovens e adultos que se autodeclaram lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou travestis - LGBT. Para responder a essa indagação, mesmo que ainda provisória, objetiva-se compreender as influências na construção das identidades de sujeitos jovens e adultos que hoje se autodeclaram LGBT, retratando os processos de evasão e exclusão ocasionados nos espaços escolares.

A pesquisa será de cunho qualitativo, tendo o amparo em questionários *online* que serão realizados em parceria com a Associação Brasileira LGBT. A parceria com essa associação tem o propósito de ampliar o público a ser pesquisado, procurando identificar as diversas violências e exclusões vivenciadas pelos alunos e alunas que não se enquadram no padrão masculino ou feminino culturalmente aceito.

O referencial teórico que contribuirá para a discussão da tese se debruçará em autores como: Pierre Bourdieu, Claude Dubar, Guacira Lopes Louro, Heleieth Saffioti, Michel Foucault, Rogério Diniz Junqueira e Paulo Freire. Todavia, nesse recorte, apenas alguns desses teóricos serão retratados.

Ainda sobre as perspectivas teóricas, ressalta-se que, os estudos de Guacira Lopes Louro (1995), sobre as relações de gênero e a escola, contribuem para justificar a temática que versa essa pesquisa. Saffioti contribui para o entendimento das hierarquias de gênero, violências e patriarcado. Foucault e Junqueira retratam aspectos da sexualidade humana, as normas impostas socialmente, e os padrões aos quais, o corpo é obrigado a estereotipar-se. O sociólogo Dubar proporciona um novo olhar para as questões das formações e constituições identitárias dos sujeitos. Pierre Bourdieu traduz



conceitos que são muito vivenciados pelos sujeitos jovens e adultos LGBT, como o entendimento de violência simbólica.

Por fim, por se tratar de uma temática que envolve educação, exclusão e sujeitos jovens e adultos, é necessário respaldar-se em Freire como forma de compreender a regulação social e as formas de opressão.

METODOLOGIA

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (GUACIRA LOPES LOURO)

É difícil desembaraçar um tema, ir além das aparências e conduzi-lo para uma realidade concreta, em que os sujeitos sejam protagonistas da pesquisa, e que, a investigação vá além de um mero trabalho para obtenção de título, e torne-se uma referência para outras pesquisas. Essa busca audaciosa passa pela decisão de pautar a investigação em um estudo que aborde uma problemática existente e invisibilizada, no que se refere aos processos de escolarização e os marcadores de gênero, compreendendo os seus reflexos na construção das identidades de sujeitos jovens e adultos LGBT, dentro de um espaço escolar.

Ao pautar as reflexões de forma crítica acerca da temática que envolve gênero, diversidade cultural, sujeitos LGBT, educação, violências, identidades e Educação de Jovens e Adultos, considera-se como relevante agregar ao objetivo geral, já descrito na introdução, seguintes objetivos específicos:

- Realizar e levantar estudos e pesquisas a respeito sujeitos jovens e adultos LGBT e os processos de exclusão escolar.
- Situar historicamente a trajetória das políticas públicas voltadas à educação no combate a homofobia.
- Retratar as diversas formas de violências homofóbicas, situando os aspectos escolares por parte de sujeitos jovens e adultos.



- Identificar e analisar elementos e referências sobre como os sujeitos jovens e adultos LGBT se relacionaram e se relacionam com a escola. (por meio de questionários)

Ao definir esses objetivos, entende-se que a heteronormatividade está na base da ordem social, e orienta práticas cotidianas construídas a partir da dominação de gênero, e que, mesmo que a escola seja um lugar que busque práticas democráticas e cidadãs, ela não se formulou historicamente indiferente a sociedade patriarcal. Ela incorporou os padrões sexistas culturalmente produzidos, seguiu estereótipos, e invisibilizou identidades; o que fez com que essa instituição escolar fosse erguida por meio de práticas excludentes. Tais práticas e padrões exigidos socialmente, não excluíram somente os sujeitos LGBT, mas todos aqueles que não se enquadrassem no perfil identificado como adequado e aceito. Resultando em diversas formas excludentes, com alunos e alunas negros, homossexuais, deficientes físicos, pobres, entre outros mais, denominados como minorias.

De acordo com Louro (1995) a escola, por meio das relações pedagógicas, conduz a simbolizações culturais, que reforçam nas crianças normas, conteúdos, valores e significados, que lhes faz compreender as diferenciações de gênero de forma padronizada. “As formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma atenção redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores e formadoras” (LOURO, 1995, p. 106).

A descrição de estereótipos de gênero apresentados por pessoas adultas para as crianças influencia a construção de modelos de homem e mulher. As formas de brincar, os jogos e brinquedos, parecem possuir sexo definido. Essa sugestividade, a priori, é calcada em uma cultura que privilegia padronizações e estereótipos, resultando em um determinismo que vai além do biológico, definindo que, os “homens normais” (entende-se “normais”, como socialmente aceitos), devem ser másculos, fortes, e em certos momentos, até descuidados com sua aparência; e as “mulheres normais” (refere-se, também, as socialmente aceitas), devem ser femininas, cuidadosas e angelicais.

[...] as sociedades instituem uma espécie de “definição” de funções para homens e mulheres, quase sempre pautadas em critérios sexistas, classistas e racistas, que, por permanecerem inquestionáveis e pouco alteradas no tempo, são incorporadas e repassadas às novas gerações como elementos naturais. A naturalização das relações de dominação e exploração de homens sobre as mulheres, de povos brancos sobre diversas etnias, assim como de ricos sobre



pobres, tem sido um importante mecanismo de manutenção do status quo, reforçando preconceitos e estereótipos, sustentados por uma suposta determinação biológica. (POGGIO, 2012, p. 92)

Dentro dessa cultura que generaliza pessoas, o que se mostra diferente desse padrão, tende a ser considerado um desvio, causando certa perturbação nos espaços sociais e gerando preconceitos e discriminações. De acordo com Foucault (2006), as atitudes e os preconceitos, também passam pelo discurso, e os corpos são determinados e inscritos em campos discursivos orientados por poderes que são exercidos sobre ele.

Ao se definir essa temática como desbravadora e necessária para a educação de jovens e adultos, descreve-se que esse estudo se debruçará em um viés qualitativo, em que se levam em conta os fenômenos educativos sociais e culturais, construídos e vivenciados por vários sujeitos jovens e adultos LGBT. Busca-se no decorrer do processo investigativo, favorecer os relatos dos sujeitos pesquisados, como forma de valorizar e dar voz aos discursos.

Dentro de uma pesquisa que traz como temática um debate atual, mas que ainda se mostra velado nos espaços escolares, e nas demais instâncias sociais, percebe-se como relevante conduzir a escrita destacando os processos de evasão escolar e das violências escolares, que, de maneira geral, não se apresentam nos índices de evasão, e não aparecem em nenhum gráfico como sendo motivadores de desistência da escola. Dados sobre a violência homofóbica são trazidos nos dados percentuais dos institutos que pesquisam as instituições de ensino, todavia, tais dados trazem poucas informações das imposições, ameaças, cerceamentos, coações e constrangimento sofridos na escola.

Sobre os aspectos relacionados aos sujeitos da pesquisa, tem-se como ideia inicial, fazer a coleta de dados por meio de questionários disponibilizados *online*. Esse instrumento de coleta de dados abrange um público maior, pois pode ser realizado via *internet* – portais de pesquisa, ou encaminhados por meio eletrônico – *e-mails*. As perguntas, em um primeiro momento serão objetivas, já que, os questionários serão encaminhados para todas as regiões do Brasil. Em um segundo momento, busca-se solicitar apenas para alguns entrevistados, que respondam um novo questionário com perguntas abertas. A divulgação desse questionário será feita em parceria com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros - ABGLT.

Partindo das argumentações já descritas, resumem-se alguns tópicos que se incorporam na justificativa dessa temática: a escola tende a ser reprodutora de



estereótipos de gênero; são poucos os estudos que retratem as identidades dos sujeitos LGBT na escola; o não reconhecimento das violências homofóbicas como motivadoras da evasão escolar mascara o problema; a invisibilidade das desigualdades de gênero não se traduz em políticas públicas eficazes; o crescimento da violência homofóbica incorpora-se na escola; o pouco enfoque que é dado a temática LGBT e de gênero na formação de educadores e educadoras faz com que não haja ações de combate a homofobia ou a outros preconceitos, e por fim, quem são os sujeitos jovens e adultos LGBT que se encontram fora da escola e porque deixaram de estudar.

Entende-se como marcadores de gênero, os marcadores sociais que são caracterizados pelo gênero, pelos estereótipos e pelos papéis sociais, e que, contribuem para a construção de uma masculinidade dominante (LOURO, 2007). Tais as representações da sexualidade se apresentam na distinção social, que incidem sob os sujeitos homossexuais. “A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (LOURO, 2000, p. 80). Desse modo, a homossexualidade, promove a perturbação dos heterossexuais, ela incomoda inquieta, e provoca a rejeição, porque subverte a ordem natural dos seres humanos (ERIBON, 2008).

Esses tópicos entram em consonância com a pesquisa amostral realizada no Rio de Janeiro no ano de 2014, com 46 pessoas que se autodeclararam LGBT, que demonstrou que, nenhuma delas conseguiu completar os estudos, sendo que, metade deles ou delas disse que abandonaram a escola devido à falta de suporte financeiro e à necessidade de encontrar empregos para sustentar suas famílias e a si mesmos, e a outra metade disse que abandonou a escola devido à discriminação que sofreram com relação à sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Em um levantamento realizado em 2004 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, intitulada: Perfil dos Professores Brasileiros, em que foram entrevistados 5 mil professores e professoras, uma parcela que pode se considerar amostral, já que o número de docentes do país é de aproximadamente 2,3 milhões, todavia, é preciso analisar o dado, verificando que, dos 5 mil educadores pesquisados, cerca de 60% deles ou delas, disse ser inadmissível que uma pessoa tenha relações homossexuais. Tal diagnóstico retrata que há muitos



docentes preconceituosos ou homofóbicos, o que acaba por resultar em práticas pautadas em padrões heteronormalizadores e excludentes.

No Brasil, a cidade de Vitória no Espírito Santo é apontada como a mais homofóbica do nosso país, de acordo com uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cidadania - UNESCO e do Ministério da Educação e Cultura - MEC (BRASIL, 2012). Tal pesquisa verificou que, muitos sujeitos estudantes jovens, professores e professoras da cidade de Vitória, têm dificuldades em trabalhar com alunos e alunas homossexuais, em torno de 48% dos professores e professoras pesquisados declararam não saber abordar os temas relativos à homossexualidade em sala de aula; e 44% dos estudantes do sexo masculino que participaram da enquete, relataram que não gostariam de ter colegas de sala de aula homossexuais.

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente, em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2014, p. 49).

As violências contra os gays e transgêneros são maiores que a das demais pessoas, justamente pela questão trazida por Pierre Bourdieu (2014) sobre a dominação masculina. O que ocorre nesses casos, é que os homens não aceitam que os seus iguais, machos como eles, fiquem seres afeminados, pois na relação macho e fêmea, o macho é superior, e se os gays e travestis se apresentam com características femininas, expressões de gênero, e acabam sendo julgados como inferiores, pois ‘lembram’ os estereótipos femininos’, e “envergonham” a virilidade masculina, e desconstroem o poder do macho¹.

“A da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificativa: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU, 2014, p. 22). Ainda sobre a naturalização da divisão entre os sexos, Pierre Bourdieu enfatiza que “a ordem social

¹ Termo utilizado por Heleith Saffioti em seu livro intitulado “O poder do Macho”. O livro retrata os sistemas de dominação e de exploração em torno das injustiças e dos privilégios do sexo masculino, e é feita uma estreita ligação entre o sistema capitalista, o patriarcado e o racismo.



funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina [...]” (BOURDIEU, 2014, p. 22).

Dentre todas as violências sofridas pelas pessoas de gêneros divergentes², as que mais as afetam são as decorrentes da família e da escola (LANZ, 2014).

A violência simbólica é muito sutil, não deixa marcas aparentes como a violência real, mas costuma ferir com intensidade semelhante ou até maior do que a agressão física. As marcas da violência simbólica se instalam na alma e funcionam como terroristas residentes, que atemorizam a vida das pessoas desviantes a partir de dentro delas mesmas. (LANZ, 2014, p. 257)

Essas pesquisas já demonstram que a permanência do público LGBT na escola é marcada por muitas discriminações, e que “a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas” (JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

Como resultado, a falta de estudos os levou a prostituição, como forma de conseguir o seu sustento e de seus familiares. Sendo esses jovens e adultos LGBT público para a EJA, entretanto, não se localizam como sujeitos de direito, e por isso, não buscam elevar sua escolarização.

CONCLUSÃO

Considera-se que houve avanços na escola, esse espaço já é compreendido como um local importante para o enfrentamento das situações de preconceito e discriminação, visando garantir o direito de todos, contribuindo para a não reprodução de lógicas de opressão e das desigualdades, todavia as invisibilidades ainda ocorrem, e a cada momento os avanços em relação aos entendimentos das questões de gênero, andam em passos lentos.

As pesquisas que retratam as questões dos marcadores de gênero e os reflexos na formação das identidades dos sujeitos jovens e adultos, ainda são incipientes. De Moreira e Melo (2013), há ainda uma lacuna na relação da escola e das questões de gênero, o que demonstra a necessidade de trabalhar essa temática. O estudo constatou

² Termo utilizado por Letícia Lanz para retratar as diversas identidades de gênero que não se enquadram nas normas e padrões sociais binários.



que: há um reduzido “número de publicações científicas voltados especificamente para a abordagem de expressões homofóbicas no espaço escolar” e constatou, também que, “as práticas dos professores não têm sido efetivas quanto às possibilidades de discussão sobre esse tema” (MOREIRA E MELO, 2013, p. 04).

Isso demonstra que as diferenças entre os sujeitos muitas vezes são ignoradas através de um processo que padroniza as pessoas, deixando de perceber cada sujeito como único e singular, transformando as diferenças em estigmas (MOTTA, 2006). “Essas discriminações têm efeito limitador não apenas com relação às possibilidades de inclusão efetiva dos sujeitos no ambiente escolar, mas afetam também as possibilidades de aprendizado” (MOTTA, 2006, p. 53).

Neste sentido, as relações de gênero encontram-se imbricadas nas identidades sexuais e sociais dos sujeitos, e a sexualidade é atravessada e mensurada por meio de classificações e de padronizações baseadas na hierarquização e na submissão dos gêneros, provocando as mais variadas violências.

De acordo com Louro (2000), “a homofobia é aceita e ensinada dentro da escola, sendo que o isolamento, o desprezo e a ‘imposição do ridículo’ são algumas de suas formas de expressão” (LOURO, 2000, p. 22). Denota-se tal exclusão como uma violação dos direitos humanos, negligenciando ou não proporcionando o acesso a permanência dos alunos e alunas LGBT na sala de aula, seja em decorrência de qualquer discriminação voltada a orientação sexual, identidade de gênero, idade, religião, raça, etnia, deficiência ou situação socioeconômica. Ou seja, independentemente da orientação sexual ou da identidade de gênero, todos os indivíduos têm que ter seus direitos garantidos, e a educação é um direito, e a escola como reprodutora acaba por incorporar os marcadores sociais de gênero, gerando evasão escolar, e conseqüentemente, constituindo-se como produtora de sujeitos jovens e adultos sem escolarização.

Desse modo, mesmo com tantos avanços e discussões sobre as diversidades e o acolhimento de alunos e alunas, a escola ainda está permeada por relações de poder, que não apenas reproduzem as desigualdades de gênero, classe, raça ou etnia, mas também, é na escola que se produzem relações hierárquicas, apresentando um currículo monocultural, que causa invisibilidade dos sujeitos que não se enquadram nos padrões e



normas que a escola perpetua, ou seja, os alunos e alunas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou travestis - LGBT.

Finaliza-se ratificando que, como se trata de uma pesquisa inicial, ainda não há análises e nem resultados a serem apresentados, todavia, constata-se que a violência homofóbica, seja ela física ou simbólica, é um agravante para a produção de sujeitos jovens e adultos LGBT sem escolarização, e ao trazer aspectos sobre marcadores de gênero e as violências, buscou-se apresentar como algumas ações acabam sendo intensificadas pela escola, e são incorporados como naturais.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2. Ed. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2014.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. MEC/ UNESCO Brasília, 2009.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação, mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOREIRA, Jeferson da Silva; MELO, Andreia Silene. Homofobia no espaço escolar: reflexões a partir de publicações científicas. In: **III Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidade**. UNEB. Salvador, BA, maio, 2013.



ALFAEJA
**III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos**

MOTTA, Flávia de Mattos. Gênero, sexualidade e educação. In: SARTORI, Ari José; B RITO, Néli Suzana (Org.). **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. 2 ed. Florianópolis: Genus, 2006, p. 48-63

POGGIO, Inês Soares Nunes. A construção das relações de gênero. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 88-101. 2012.